

O CANTO VI DA ENEIDA
A DESCIDA AOS INFERNOS OU
A PREFIGURAÇÃO DA HISTÓRIA DE ROMA

RESUMO

Este estudo faz uma leitura do Canto VI da *Eneída*, particularmente do episódio que narra o encontro de Enéias e Anquises nos Infernos e a fala profética do velho patriarca. Porque o poema virgiliano possui conotação histórica, pretende-se aqui mostrar seu valor como fonte da história romana. O poeta volta ao passado, buscando entre os troianos ilustres, como era tradição, as origens da *gens romana*. A par disso, também se apresenta a doutrina pitagórica e platônica da origem das almas e da metempsicose.

RÉSUMÉ

Cette étude fait une lecture du Chant VI de l'*Enéide*, spécialement de l'épisode qui raconte la rencontre d'Enée et Anchises dans les Enfers et le discours prophétique du vieux patriarche. C'est parce que le poème virgilien a une connotation historique, qu'on veut ici montrer sa valeur pour l'étude de l'histoire romaine. Le poète retourne au passé, à la recherche, entre les Troyens illustres, comme on pensait, des origines de la *gens romana*. On présente aussi la doctrine pythagorique et platonique de l'origine des âmes e de la métempsycose.

INTRODUÇÃO

Qualquer incursão nos textos latinos constitui tarefa apaixonante, pelo que contam da formação da alma e do pensamento do homem ocidental. Percorrendo a literatura, dos seus primórdios até a decadência, vê-se, dita explicitamente ou em filigranas, a história grandiosa do povo romano. Nas comédias de Plauto ou nos discursos de Cícero, na poesia filosófica de Lucrécio ou na sátira contundente de Juvenal, na epopéia grandiloquente de Virgílio ou na decadente épica de Lucano, está presente um pouco da história dos descendentes de Rômulo. Se os textos literários muito contam da história do passado, não menos contam, ou prefiguram, da história do presente, uma vez que o espírito latino é o legado da civilização romana ao homem moderno.

Entende-se que as fontes da História podem ser de duas naturezas: históricas propriamente ditas e literárias. As primeiras são constituídas de documentos, registros oficiais, anais, leis e decretos e dos textos que especificamente relatam os acontecimentos ou comentam o desenvolvimento e as relações do homem na sociedade, a despeito de tais textos nem sempre serem merecedores de fé.¹ As fontes literárias são constituídas pelos escritos daqueles autores que, vivendo a realidade e captando-a a seu modo, apresentam-na de forma artística, tendo em vista não a verdade histórica, mas o simbólico, o verossímil,² enfim o belo.

Assim se deve entender a leitura da *Eneida* de Virgílio, ao mesmo tempo a mais bonita composição literária da civilização latina e a mais completa fonte da história do povo romano, das suas origens até o advento do império de Augusto.

A epopéia³ é, por excelência, a celebração narrativa da história pátria ou a glorificação dos heróis nacionais. Na *Eneida*, sente-se a presença constante de Roma. A história romana inteira, desde a chegada de Evandro até a época de Augusto, está presente no espírito do autor e não deve deixar o espírito do leitor, no dizer de Georges Dumézil.⁴ A preocupação histórica⁵ está em toda parte, quer na resenha dos grandes homens nos Infernos, quer na pintura do escudo de Enéias no Canto VIII,⁶ quer em qualquer outro passo do poema. As alusões claras ou em filigrana, os nomes dos heróis nacionais, as intervenções das divindades fazem dos doze cantos da *Eneida* a "historia Romana repraesentata".

Manda a prudência, no dizer do mesmo Georges Dumézil,⁷ que o historiador saiba discernir o que é histórico do que é legendário, porque nem sempre as lendas são tiradas dos fatos e, por isso, não são capazes de revelar esses fatos. Em literatura, tu-

do é verossímil, mas não verdadeiro. Em nenhum lugar consta que os heróis homéricos tenham tido existência real, no entanto, a presença de Enéias na epopéia latina é perfeitamente verossímil, embora seja o herói legendário.⁸

Neste estudo, pretende-se fazer uma leitura do Canto VI da *Eneida* e, dentro dele, do trecho que narra o encontro de Enéias e Anquises nos Infernos e a fala profética do velho patriarca. A despeito disso, convém relatar o tema e o argumento do poema de Virgílio.

TEMA E ARGUMENTO DA ENEIDA

O tema da *Eneida* é a glorificação de Roma, através da narração de sua história, desde a fundação até o império de Augusto. A lenda de Enéias era popular em Roma e tudo indica que, por volta do século VII antes de Cristo, uma civilização parenta da civilização homérica se tinha implantado na Itália. Outros poetas, como Nêvio⁹ e Enio,¹⁰ e historiadores como Catão¹¹ e Varrão¹² falam das viagens de Enéias e relacionam a fundação da cidade de Roma à sua chegada à Itália. É conhecido o orgulho dos romanos, que se diziam descendentes dos deuses, como Júlio César que, na oração fúnebre proferida nos funerais de sua tia Júlia, disse: "É de Vênus que descendem os Júlios, tronco de nossa família".¹³ O herói Enéias, suas viagens, sua estada em Cartago, sua chegada à casa do rei Evandro, seu casamento com Lavínia, toda essa história guerreira e romântica, embora legendária e fantástica, fazia parte da cultura romana da época de Virgílio e tinha sua função político-social.¹⁴ O poeta transportou toda essa construção lendária para o seu poema e conferiu-lhe um significado mais elevado.

Na imaginação do vate latino, Roma era a grande preocupação dos deuses. Por detrás das ruínas fumegantes de Tróia, donde fogem os que se salvaram da destruição dos gregos, Júpiter aparece como o guardião dos decretos do Destino. O poema de Virgílio trata exclusivamente de Roma, da Roma que Enéias não verá, da Roma que somente trezentos anos mais tarde se erguerá, mas que já existe no espírito dos Imortais, da Roma que existe desde a eternidade.

Assim se resume o poema de Virgílio:

Tendo partido de Tróia com seus companheiros, Enéias erra pelo mar e pelas mais diferentes terras, à busca do litoral italiano. Perseguido pela deusa Juno, é afastado da Itália para Cartago, na costa da África, onde reina a rainha Dido. Esta oferece-

lhe excelente hospitalidade e acaba inflamada de amor por ele.¹⁵ Enéias conta-lhe a história da queda de Tróia e as desgraças que ele próprio sofrera. Enquanto goza desse repouso em Cartago, apaixonou-se ele também pela rainha apaixonada, mas, consciente de seu destino, abandona Cartago e parte para a Itália. Na Sicília, celebra os jogos fúnebres em honra de seu pai Anquises e, em seguida, desce aos Infernos,¹⁶ onde visita a alma do velho pai, a quem consulta a respeito dos destinos de Roma. Chega, enfim, à foz do rio Tibre, região que reconhece lhe estar destinada pelos deuses. Envia embaixadores ao rei Latino, com presentes, a pedir paz e aliança, e o rei não só os acolhe com bondade, mas ainda oferece ao herói troiano a mão de sua filha Lavínia. Inicia-se neste momento, sob o pretexto da promessa de casamento, uma guerra sangrenta, finda a qual se dá a fixação dos troianos na Itália, com o casamento de Enéias e Lavínia.

O CANTO VI: A DESCIDA AOS INFERNOS

"O Livro VI é a *Néculia*, o livro dos mortos, o solene livro místico, poema dentro do poema, Divina Comédia de Virgílio, da qual Dante tirará a maior inspiração. É a *catábasi*, descida de Enéias aos Infernos e a profética visão da glória futura de Roma". Com essas palavras de Giuseppe Morpurgo,¹⁷ vamos penetrar no reino dos mortos.

Saindo da Sicília, Enéias dirige-se à ilha de Cumas, célebre pelo santuário de Apolo, onde procura a velha Sibila¹⁸ e lhe pede que o acompanhe em sua viagem aos Infernos, onde a sombra de Anquises o espera. A Sibila ordena-lhe que recolha um ramo de ouro de uma misteriosa planta num bosque, para oferecer a Prosérpina, a rainha do Hades, e que sepulte o companheiro morto na Itália, o corneteiro Miseno, filho de Éolo, cujos funerais se preparam. Guiado por duas pombas brancas enviadas por sua mãe Vênus, Enéias encontra no bosque a planta de folhas douradas e arranca sem esforço o ramo para oferecer a Prosérpina. Sepulta em seguida Miseno e, feitos os devidos sacrifícios aos deuses infernais, juntamente com a Sibila, inicia a fúnebre viagem.

Os Infernos são o lugar para onde vão as almas dos mortos. Na entrada, diz o poeta, vêem-se o Luto, os Remorsos, as Enfermidades, a Velhice, o Medo, a Fome, a Pobreza, a Morte, o Trabalho, o Sono e os maus Prazeres, a Guerra e a Discórdia. Mais adiante fica o rio Aqueronte, por cujas ondas o barqueiro Caronte transporta as almas dos mortos, mas somente daqueles que foram sepultados, enquanto as almas dos insepultos vagueiam sem desti-

no. Também a viagem é vedada aos vivos, mas Enéias apresenta o ramo de ouro e o barqueiro o leva à margem oposta. Não longe dali estendem-se os Campos das Lágrimas, onde se encontram os que morreram de amor. Mais adiante ainda, Enéias chega aos últimos campos, onde estão os heróis que se ilustraram na guerra. E ele recorda, pelas sombras vagueantes, os antigos conhecidos. No fim desses campos, a estrada se bifurca: a da direita vai ao palácio do grande Plutão, e é o caminho para os Campos Elíseos; a da esquerda conduz ao Tártaro, onde os maus são castigados. Enéias contempla os sofrimentos do Tártaro, e chega aos Campos Elíseos, onde encontra a sombra de Anquises.

ENCONTRO COM ANQUISES

O passo que se inicia no verso 679 e vai até o final do Canto, verso 901, narra o encontro de Enéias e Anquises e reproduz a fala profética do velho sacerdote. Virgílio narra o encontro da seguinte maneira:

"Entretanto o pai Anquises, no ameno vale, com atenção contemplava as almas ali reclusas, destinadas a voltar à luz superior; e por acaso passava em revista o número dos seus, os caros netos, os destinos e a sorte dos heróis, seus costumes e suas obras. Quando viu Enéias, que, atravessando a campina, a ele se dirigia, alegre estendeu ambas as mãos, pelas faces correram lágrimas, e dos lábios lhe escaparam estas exclamações: 'Vieste enfim! Teu filial amor, tão provado já a teu pai, venceu os rudes embarços desta viagem. Posso, afinal, ver teu semblante, ó filho! ouvir tua voz, falar contigo! Assim o esperava eu, e pensava que havia de acontecer, calculando o tempo: não me enganou a esperança. Por quantas terras e quantos mares arrastado, de quantos perigos escapo, ó filho, eu te recebo! Como temi que te fosse danoso o reino da Líbia!' Enéias responde: 'Tua triste imagem, ó pai, tantas vezes vista, me alentou a vir aqui. A frota está no mar Tirreno. Deixa-me tocar a tua dextra; não te subtraias a meus amplexos'. Dizia, e ao mesmo tempo chorava. Três vezes tentou abraçá-lo, e três vezes lhe escapou de entre os braços a sombra, em leveza igual ao vento semelhante ao sono fugaz."

At pater Anchises penitus convalle virenti
inclusas animas superumque ad lumen ituras
lustrabat studio recolens, omnemque suorum
forte recensebat numerum, carosque nepotes
fataque fortunasque virum moresque manusque.

Isque ubi tendentem adversum per gramina vidit
 Aeneam, alacris palmas utrasque te tendit,
 effusaeque genis lacrimae et vox excidit ore:
 "Venisti tandem, tuaque exspectata parenti
 vicit iter durum pietas? datur ora tueri,
 nate, tua et notas audire et reddere voces?
 Sic equidem ducebam animo rebarque futurum
 tempora dinumerans, nec me mea cura fefellit.
 Quas ego te terras et quanta per aequora vectum
 accipio! quantis iactatum, nate, periclis!
 Quam me tui ne quid Libyae tibi regna nocerent!"
 Ille autem: "Tua me, genitor, tua tristis imago
 saepius occurrens haec limina tendere adegit;
 stant sale Tyrrheno classes. Da iungere dextram,
 da, genitor, teque amplexu ne subtraha nostro".
 Sic memorans largo fletu simul ora rigabat.
 Ter conatus ibi collo dare brachia circum;
 ter frustra comprehensa manus effugit imago,
 per levibus ventis volucrisque simillima somno.
 (En. VI, 679-702)

A DOUTRINA DA ORIGEM E DO DESTINO DA ALMA.

A partir do encontro de Anquises e Enéias, começa o desenvolvimento de idéias novas e é aqui sobretudo que se tem a prova mais forte da impressão deixada no espírito do autor pelas leituras filosóficas, principalmente pelo estudo das doutrinas de Pitágoras¹⁹ e Platão.²⁰

Depois que o pai e o filho manifestaram o prazer de se encontrarem, Enéias se admira diante de um espetáculo surpreendente do vale, num bosque afastado, vê o rio Letes e uma multidão de almas que, como um enxame de abelhas, duas margens, com um sussurro que se estende por todo "Que rio é esse?" - pergunta - "e que multidão cobre as

quae sint ea flumina porro,
 quive viri tanto compleverint agmine ripas.
 (En. VI, 711-712)

explica que são as almas que estão destinadas a habitar corpos e que bebem nas águas do rio Letes a tranqüilidade e o esquecimento.²¹ E Enéias indaga: "Ó pai, deve-se crer que as almas voltem daqui para cima, para habitar outra vez pesados corpos? Que triste desejo da vida têm esses infelizes?"

O pater, anne aliquas ad caelum hinc ire putandum est
 sublimis animas iterumque ad tarda reverti
 corpora? Quae lucis miseris tam dira cupido?
 (En. VI, 719-21)

Anquises, sem tardar, explica ao filho a origem e o destino da alma.

As almas dos homens são uma emanção do sopro divino, uma parcela da alma universal que vivifica o universo inteiro. Mas, desde que esse sopro se une ao corpo, ele perde nesse contato uma parte de sua pureza: fechada nas trevas dessa prisão, a alma não vê mais o céu, e mesmo quando ela é libertada, conserva manchas que devem ser lavadas. A alma passa por purificações, que, para lhe devolver a pureza primitiva, duram mil anos. Passado esse tempo, a Divindade chama-a às águas do rio Letes, para que, esquecida do passado, ela deseje rever a terra e entrar num corpo novo.

VISÃO PROFÉTICA DO FUTURO DE ROMA

Neste ponto, ao lado de Anquises, Enéias se coloca entre seu passado e seu futuro, contemplando, de um lado, os antigos troianos e, de outro, a descendência romana. O passado, representado por Orfeu, pela formosa prole de Teucro, geração antiga, magnânimos heróis nascidos em melhores tempos, Ilo, Assáraco e Dárdano, fundador de Tróia. Na mensagem desses heróis, o passado começa a transformar-se em futuro e a aspirar, em perfeita unidade, à realização eterna.

Assim, passará por seus olhos um desfile de rostos ilustres, que farão que o espírito do herói se vá pouco a pouco incendiando de amor pela glória futura. São os rostos daquela prole futura no tempo, mas sempre presente na eternidade, que nascerá da união dos troianos e dos itálicos. O passado fica abolido. Só existe agora um futuro compreendido no presente aclarado pelo conhecimento.

Anquises, levando o filho para um lugar elevado, de onde possa ver os que vêm e conhecer seus rostos, diz-lhe: "Verás agora que esplendor espera a gente troiana e quais os nossos netos procedentes da família itálica: mostrar-te-ei as ilustres almas que haverão de elevar nosso nome e te exporei os teus destinos."

Nunc age, Dardanium prolem quae deinde sequatur
gloria, qui maneant Itala de gente nepotes,
inlustris animas nostrumque in nomen ituras,
expediam dictis, et te tua fata docebo.

(En. VI, 756-59)

A primeira alma que surge é a de Sílvio, o primeiro a surgir para a vida. Será o tronco original dos reis albanos. É o filho de Lavínia e Enéias, e em seu coração se mesclam o sangue

itálico e o troiano.

Depois aparecem os reis que descendem de Sílvio, e quatro se destacam dentre eles: Provas, Cápis, Númitor e Sílvio Enéias. Logo se vê a imagem resplandescente de Rômulo, neto de Númitor e nascido da união de Ilia e de Marte. Por impulso dele é que Roma estenderá seu império até os confins do mundo e sua glória até o Olimpo.

Muda-se a visão: Enéias volta os olhos e vê diante de si a figura de homens que não são nem troianos nem latinos, mas a esperada descendência romana. Distinguem-se entre eles os maiores em glória e em sangue: Júlio César e toda a geração de Tulo. Augusto César, chamado pelo Destino para restabelecer a idade de ouro no Lácio e para levar aos extremos limites do universo o domínio pacificador de Roma.

Como na eternidade tudo existe de modo simultâneo, Enéias contempla, juntos, Augusto e César, e os reis romanos antigos, sucessores de Rômulo. E desfilam diante dele Numa Pompílio, Tulo Hostílio, Anco Márcio e os Tarquínios. Seguem os heróis da República: os três Dêcios, avô, pai e filho, cujo sacrifício dará três vitórias às armas romanas;²² os Drusos, entre os quais o vencedor de Asdrúbal; Torquato, Camilo, César e Pompeu, Múmio e Metelo, Catão, os Gracos, os dois Cipiões, Fabrício, Serrano, Fábio Máximo.

Ao ver César e Pompeu, almas amigas antes de entrar na existência, Anquises lamenta as guerras que farão entre si. Fala-lhes como a meninos, como a filhos seus, pedindo-lhes que não lancem seus furores contra as entranhas da pátria. São estas as palavras de Anquises a seu filho: "Aquelas almas, porém, que estás vendo iguais no fulgor das armas, concordes agora e enquanto permanecerem nestas sombrias moradas, ai! que tamanha guerra entre si acenderão, se alcançarem a luz da vida! quantas batalhas! que carnificina! Ao sogro que desce dos Alpes e dos rochedos de Monécio, se oporá com as legiões orientais. Não costumeis, ó filhos, a tais lutas as vossas almas! não volteis contra as entranhas da pátria vosso indomável valor. Detém-te primeiro, ó tu, que derivas do Olimpo a tua linhagem! depõe as armas, sangue meu."

Ille autem, paribus quas fulgere cernis in armis,
concordes animae nunc et dum nocte premuntur,
heu quantum inter se bellum, si lumina vitae
attigerint, quantas acies stragemque ciebunt,
aggeribus socer Alpinis atque arce Monocci
descendens, gener adversis instructus Eois!

Ne, pueri, ne tanta animis adsuescite bella,
neu patriae validas in viscera vertite vires:
tuque prior, tu parce, genus qui ducis Olympo;
proice tela manu, sanguis meus!

(En. VI, 826-35)

Após o desfile de tantos homens ilustres, Anquises mostra a Enéias o destino principal do gênero romano, que é o de dar leis ao mundo: "Outros saberão com mais arte dar vida aos bronzes ou fazer surgir do mármore vultos humanos, melhor pleitear as causas ou calcular os movimentos do céu e o surgir dos astros; tu, ó romano, lembra-te que é teu fado governar os povos. Estas serão as tuas artes: impor a paz, poupar os vencidos e abater os soberbos."

Excudent alii spirantia mollius aera
(credo equidem), vivos ducent de marmore vultus,
orabunt causas melius caelique meatus
describent radio et surgentia sidera dicent:
tu regere imperio populos, Romane, memento
(hae tibi erunt artes) pacique imponere morem,
parcere subiectis et debellare superbos.

(En. VI, 847-54)

Numa visão final dos grandes republicanos, Anquises mostra a figura destacada do cônsul Marco Cláudio Marcelo, futuro vencedor do rebelde gaulês, conquistador para a pátria dos terceiros despojos opimos²³ conhecido com o nome de espada de Roma, na segunda guerra contra Cartago.

Mas Enéias, vendo ao lado do grande herói um jovem de distintas formas, porém triste de aspecto e com os olhos abatidos, perguntou: "Ó pai, e quem é aquele que o acompanha? É filho ou algum de seus descendentes?"

Quis, pater, ille, virum qui sic comitatur euntem?
filius ane aliquis magna de stirpe nepotum?
(En. VI, 863-64)

Anquises prorrompe em lágrimas e exclama: "Ó filho, não queiras saber o grande luto dos teus. A este os fados o apresentarão apenas ao mundo e o não deixarão viver. Se este dom celeste fosse duradouro, parecer-vos-ia, ó deuses, demasiado poderosa a nação romana. Que gemidos em seus funerais mandará à cidade o campo de Marte! Que tristeza, ó Tiberino, hás de ver, quando banharem tuas águas o recente túmulo! Nenhum filho da ilíaca gente exalçará tanto a esperança dos avós latinos, nem de outro aluno tanto se desvanecerá a romúlea terra. Ó piedade! ó fé prisca! ó braço in-

victo na guerra! Ninguém impunemente o enfrentaria armado, quer marchasse ele a pé contra o inimigo, quer de esporas picasse as ilhargas de espumante corcel. Ai! jovem miserando! possas tu de algum modo romper os duros fados! Tu serás Marcelo! Dai-me às braçadas lírios e purpúreas flores: tais dons tribute ao menos à alma do neto no desempenho de um triste dever."

O gnate, ingentem luctum ne quaere tuorum.
Ostendent terris hunc tantum fata neque ultra
esse sinent. Nimiùm vobis Romana propago
visa potens, superi, propria haec si dona fuissent.
Quantos ille virum magnam Mavortis ad urbem
campus aget gemitus! vel quae, Tiberine, videbis
funera, cum tumulum praeterlabere recentem!
Nec puer Iliaca quisquam de gente Latinos
in tantum spe tollet avos, nec Romula quondam
ullo de tantum tellus iactabit alumno.
Heu pietas, heu prisca fides invictaque bello
dextera! non illi se quisquam impune tulisset
obvius armato, seu cum pedes iret in hostem
seu spumantis equi foderet calcariibus armos.
Heu miserande puer, si qua fata aspera rumpas,
tu Marcellus eris. Manibus date lilia plenis;
purpureos spargam flores, animamque nepotis
his saltèm adcumulem donis et fungar inani
munere.

(En. VI, 868-86)

Vê-se aqui uma alusão ao filho de Otávia, sobrinho, filho adotivo e genro de Augusto, sobre o qual repousarão num momento todas as esperanças do império, e que a morte arrebatará, já célebre por seus grandes feitos, aos vinte anos.²⁴

Tendo assim discorrido sobre as grandezas de Roma, percorrem toda a região dos nebulosos campos e tudo observam. Anquises instrui de tudo Enéias, incende-lhe a alma no desejo da futura glória, contando-lhe as guerras que há de fazer.

Terminada essa visão dos Infernos, Enéias é conduzido para fora por seu pai pela porta de marfim, como narra o poeta: "O Sono tem duas portas, das quais uma é de chifre, por onde se diz que saem as verdadeiras sombras, outra de marfim, por onde os manes nos enviam falsas visões. Tendo Anquises acompanhado até ali o filho e a Sibila, deu-lhes saída pela porta de marfim."

Sunt geminae Somni portae: quarum altera fertur
cornea, qua veris facilis datur exitus umbris,
altera candenti perfecta nitens elephanto,
sed falsa ad caelum mittunt insomnia Manes.
His ibi tum natum Anchises unaque Sibyllam
prosequitur dictis portaque emittit eburnea.

(En. VI, 893-98)

Assim tinha de ser. Enéias tinha de sair pela porta que dá acesso ao mundo das aparências, ao mundo falso, porque, se entrasse pela porta de chifre, estaria na eternidade e não cumpriria o destino de fundador que lhe estava preparado.

CONCLUSÃO

Temos aqui, na mais bela narrativa épica da nossa literatura, a melhor maneira encontrada pelo poeta para celebrar as grandezas de Roma e glorificar o Imperador Augusto, de quem era amigo e admirador. O poeta volta ao passado, buscando entre os troianos ilustres, como era tradição, as origens da gente romana. Nenhum outro elogio seria mais agradável aos romanos, pois a linhagem teucra os punha como descendentes dos deuses. Virgílio recua a um passado mais distante ainda, quando, na descida aos Infernos, Anquises mostra a Enéias os futuros heróis nacionais, futuros, mas tão antigos que não se poderia saber quem foram antes. Almas que já tinham sofrido os mil anos de purificação e que agora esperam o momento de voltar à vida, todas predestinadas, marcadas pelos deuses para elevar à glorificação a pátria romana.

No Canto VI da *Eneida* e, em geral, em todo o poema, tem-se não a história de Roma, como foi, mas a sua prefiguração, seu anúncio, como será essa história, para dizer que todo o prestígio alcançado pelos romanos estava já programado desde a eternidade.

Neste poema de Virgílio, encontra-se a mais bela lenda da civilização latina, que o poeta explorou para tornar ainda mais elevado o século de ouro da história romana, o século de Augusto.

NOTAS

1. Sabe-se que a verdade histórica não era preocupação dos primeiros historiadores. Tal cuidado só existe na Grécia a partir de Tucídides e, em Roma, com o historiador Tácito.
2. Lê-se em Massaud Moisés, *Dicionário de Termos Literários*, São Paulo, Cultrix, 1974, o seguinte: "Dado ser impossível captar a realidade por via direta, só resta conhecê-la por meio de um sinal que a represente, não como tal, visto ser impossível, mas como pode ser expressa, ou seja, enquanto se submete à expressão: assim, conhecemos a representação da realidade, não ela própria." No capítulo X da *Poética*, Aristóteles diz que "não é ofício do poeta contar as coisas como sucederam, mas

como desejaríamos que houvessem sucedido". Por exemplo, o encontro de Enéias e Dido é historicamente impossível, porque três séculos separam o herói troiano da rainha de Cartago, mas no contexto do poeta ele é perfeitamente aceito, é um fato verossímil. (Cf. SPINA. *Introdução à poética clássica*. São Paulo, F.T.D., 1967. p. k0k-2).

3. Epopéia é um poema narrativo que trata normalmente de "assunto ilustre, sublime, solene, especialmente vinculado a cometimentos bállicos; deve prender-se a acontecimentos históricos, ocorridos há muito tempo, para que o lendário se forme ou/ permita que o poeta lhes acrescente com liberdade o produto de sua fantasia; (...)". (Cf. MOISÉS. *Dicionário de termos literários*). A antigüidade conheceu, na Grécia, a *Ilíada* e a *Odissêia* de Homero (séc. IX a.C.); em Roma, a *Eneida* de Virgílio (séc. I a.C.) e a *Farsália* de Lucano (séc. I d.C.), na Índia, *Ramayana* de Valmiki, e *Mahabharata* de Vyasa (este do séc. III a V a.C.). A Idade Média e os tempos modernos também têm suas epopéias, construídas na grande esteira da epopéia greco-latina: *Canção de Rolando* (séc. XII, na França) *Poema del Cid* (séc. XII, na Espanha), *Divina Comédia* (séc. XIV, na Itália), *Os Lusíadas* de Camões (séc. XVI, em Portugal), *Paraíso Perdido* de Milton (séc. XVII, na Inglaterra), *Messíada* de Klopstock (séc. XVIII, na Alemanha).
4. DUMÉZIL. *Mythe et épopée*. Paris, Gallimard, 1968. p. 411, v. 1.
5. Por ser uma narrativa de sentido nacional, a epopéia não pode deixar de ter preocupação histórica, mas os fatos por ela narrados apenas simbolizam a história.
6. No Canto VIII, v. 626-728, encontra-se a descrição do escudo de Enéias, fabricado por Vulcano a mandado de Vênus. Nele o deus da forja gravou a história dos Albanos, desde Ascânio até Rômulo, e a de Roma, desde Rômulo até César Augusto. Tais feitos, gravados no escudo, são para Enéias motivo de admiração e de alegria, embora ignorasse seu significado. (Cf. *En. VIII*, 729-731).
7. DUMÉZIL, op. cit., v. 1., p. 432.
8. Encontra-se na *Ilíada*, Canto XX, referência à origem legendária de Enéias, que tem um tratamento à parte entre os heróis de Homero. É clara sua ascendência divina, quando ele, num confronto com Aquiles, diz: "Nasci de Vênus e do grande Anquises" (V.). Enéias torna-se notável pelos feitos de guerra e, em valentia, é apenas excedido por Heitor. Graças à sua piedade, goza da proteção dos deuses que, em duas ocasiões, o salvam da morte em combate. Numa dessas ocasiões, o deus Ne-

tuno anuncia que ele sobreviverá à destruição de Tróia e que a realeza dos troianos lhe pertencerá e aos seus descendentes.

mas à espada
O matara o Pelides, se Netuno
Aos deuses não bradasse: 'Doi-me, ó nubes,
Que às mãos de Aquiles o brioso Enéias
Louco desça a Piutão, por confiar-se
No Longevibrador, que o não socorre.
Por que inocente pagará por outros
Quem sempre aos imortais mil dons oferta?
Salvemo-lo, que Jove há de agastar-se
De o ver extinto. É fado que a progênie
Permaneça de Dárdano, a mais cara
Prole que de mulher teve o Satúrnio;
A geração de Príamo ele odeia;
Quer, pois, que Enéias reine, mais seus filhos,
e os que dos filhos procedendo forem.

(Il. XX, 293 e seg. Trad. de Odorico Mendes)

9. Névio é do séc. III a.C. É considerado o primeiro autor da literatura latina nascido na Itália. É da Campânia. Escreveu tragédias e comédias de temas gregos e romanos e, na velhice, compôs o poema épico *Bellum Poenicum*, a história da primeira guerra púnica, da qual ele próprio tinha participado. Suas fontes históricas são possivelmente a obra de Filino de Agrigento e os anais gregos de Q. Fábio Píctor. (Cf. BIELER. *História de la literatura romana*. Madrid, Gredos, 1968. p.45-6),
10. Ênio nasceu em 239 a.C. na Calábria. Era, portanto, grego de origem. Seu legado literário constava de dezoito livros dos *Annales*, pelo menos vinte tragédias, quatro livros de *Saturae* e outros pequenos poemas: *Scipio*, *Sota*, *Epicharmus*, *Praecepta* ou *Protrepticus* e *Hedyphagetica*. Os *Annales* são a mais completa história de Roma, desde as origens até a época contemporânea. Ênio é o proclamador da grandeza de Roma, e seu poema é a epopéia nacional dos romanos até o surgimento da *Êncida* de Virgílio. De todos os, possivelmente, 30.000 versos, só restam fragmentos. (Cf. BIELER, op. cit., p. 56-62).
11. Catão é do séc. III a.C. Nasceu em 234 em Túsculo, no Lácio. Foi político e historiador. Como administrador, é o modelo do homem incorruptível. É conhecido pelo epíteto de *Censorius*, o *Censor*. Sua grande obra é *Origines*, na qual fala de Roma e da Itália. Depois de contar, no I Livro, a história de Roma, da fundação até o fim da monarquia, trata, nos livros seguintes, das origens (*Origines*) das cidades itálicas. (Cf. BIELER, op. cit., p. 87-9).
12. Varrão (116-27 a.C.) foi contemporâneo de Cícero e, tendo vivido quase 100 anos, pôde legar à civilização latina uma obra numerosa e de grande variedade. Aqui interessa citar as *Anti-*

quittates, 41 livros (25 *libri rerum humanarum*, 16 *libri rerum divinarum*) em que dá a conhecer toda a história da antigüidade romana. Esta obra, em boa parte, é conhecida através de *A Cidade de Deus* de Santo Agostinho. (Cf. BIELER, op.cit., p. 144-147).

13. Os Júlios diziam que eram descendentes de Iulo, filho de Enéias, que era filho de Vênus, a deusa do Amor.
14. Os mitos têm a grande virtude de dar à comunidade consciência da grandeza de suas origens, e, no caso de Roma, interessava aos imperadores manter o povo entusiasmado com a sua ascendência divina. Ao próprio imperador eram atribuídas qualidades de um deus e sua autoridade era respeitada.
15. Dido apaixonou-se por Enéias, ao ouvir a narrativa das suas aventuras e comunica à irmã Ana os sentimentos que nutre pelo estrangeiro. Tendo a rainha promovido uma caçada para distrair o seu hóspede, a deusa Juno desencadeia uma tempestade e força Dido e Enéias a abrigarem-se na mesma gruta, onde se dá a sua união. Jarbas, rei dos Rútulos, que fora antes rejeitado pela rainha, queixa-se a Júpiter e este resolve enviar Mercúrio à terra para que lembre a Enéias que ele deve partir e não atraiçoar a missão que os fados lhe estabeleceram. Convencido pelo mensageiro de Zeus, o apaixonado Enéias volta à razão e prepara-se para partir. A rainha interpela o amante, que procura justificar a partida com a importância de sua missão. Separam-se sob as ameaças e maldições de Dido. Vendo Enéias ao largo, a rainha amaldiçoa as futuras relações entre Roma e Cartago e, finalmente, suicida-se com a espada de Enéias. (Cf. Canto IV). Tem-se aqui uma alusão às rivalidades entre Roma e Cartago e à vitória dos romanos sobre a cidade fenícia.
16. A tradição literária e religiosa conhece outros episódios de descida aos Infernos: Homero, *Odisséia*, Canto XXIII; Platão, *República*, Livro X; Luciano, *Diálogos*. O mito de Teseu e de Orfeu e Eurídice. Segundo a doutrina bíblica dos Atos dos Apóstolos, 2, 27, Cristo, após sua morte e ressurreição, desceu aos Infernos, lugar onde esperavam os efeitos retroativos de seus méritos aqueles que antes dele tinham vivido justamente.
17. MORPURGO. *Pascua, Rura, Duces*. 14 ed., Torino, Lattes & C. Editori, 1966. p. 257, nota.
18. A Sibila representa a idéia da mulher dotada de espírito profético. Mulher mais sensível. Tem origem na Pítia ou Pitonissa. Na porta de uma caverna, recebia a mensagem do deus Apo-

- lo, em forma de emanções que vinham do interior. Embora tendo nela sua origem, a Sibila de Virgílio era diferente da Pitonisa grega, pois, enquanto esta transmitia sua mensagem através de um sacerdote, a Sibila o fazia diretamente ao povo.
19. Trata-se aqui da doutrina pitagórica da *metempsicose* ou transmigração das almas. Nessa doutrina pode-se ver a crença primitiva no parentesco entre os homens e os animais, considerados todos como produtos da natureza. A metempsicose é a doutrina filosófico-religiosa segundo a qual a alma humana, depois da separação do corpo, pode animar sucessivamente outros corpos, de homens, de animais ou até de vegetais. O termo próprio usado pelos gregos para designar a *transmigração* era *palíngenesia*. O termo *metempsychosis* encontra-se em textos posteriores. Hipólito e Clemente de Alexandria empregam *metempsychosis* (Cf. BURNET *L'auteur de la philosophie grecque*, p. 103, nota 1). Embora o termo mais apropriado seja *metempsychosis*, modernamente prefere-se a palavra *reencarnação*. (Cf. MORAES, *Metempsicose*. ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA VERBO).
20. A doutrina platônica da reencarnação está no final do Livro X da *República*, onde o filósofo conta o apólogo de *Her*, o armênio, o qual, morto em combate, foi encontrado são e perfeito, quando, passados dez dias, se recolhiam os cadáveres já putrefatos. *Her*, doze dias após sua morte, já colocado sobre a pira para ser queimado, ressuscitou e contou o que havia visto no outro mundo: "Logo que minha alma se separou do corpo, parti em companhia de outros muitos e cheguei a um lugar espantoso, onde se viam na terra duas aberturas, vizinhas uma da outra, e às quais correspondiam outras duas no céu. Juízes sentavam-se entre estas aberturas: pronunciada a sua sentença, ordenavam aos justos que marchassem à direita por uma das aberturas do céu, (...); e aos maus mandavam seguir seu caminho à esquerda das aberturas da terra, (...)". Em seguida, diz: "vi as almas dos que haviam sido julgados, umas subindo ao céu; outras descendo à terra pelas aberturas que se correspondiam; ao passo que, pela outra abertura da terra, vi sair almas cobertas de inundície e pó, ao mesmo tempo que do céu, pela outra, baixavam almas puras e sem mancha. Todos pareciam vir de longa viagem e sentavam-se com prazer, nos prados, como em ponto de assembléia". Mais adiante, quando as almas chegaram diante do trono das Parcas, o armênio narra assim: "Quando ali chegamos, deviam as almas apresentar-se perante Lâquesis; imediatamente um hierofante as dispunha em

ordem. Em seguida, tirando dos joelhos de Lâquesis as sortes e as várias condições da vida humana, subiu a um alto estrado e assim falou: Isto diz a virgem Lâquesis, filha da Necessidade: - Almas efêmeras, ides recomeçar uma nova carreira e reentrar em um corpo mortal (...)" (Platão, República, Livro X).

21. Segundo a tradição mitológica, *Letes* era filha da *Discórdia* e mãe das *Graças*, e deixou seu nome a um dos rios dos Hades. Suas águas, atravessando os Campos Elíseos, proporcionavam o esquecimento da vida terrena às sombras que as bebiam: perdendo a memória dos males suportados na vida, as novas gerações humanas preparavam a sua reaparição na terra. Do mesmo modo, antes de voltarem à vida, as almas bebiam das águas do *Letes*, para se esquecerem do que tinham visto nos Infernos. (Cf. BUESCO, *Lete*, ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA VERBO).
22. *Decius Mus*. Nome de três Romanos que se sacrificaram aos deuses infernais para assegurar a vitória do exército romano. O primeiro, Públio, morreu em Vesperis, na batalha contra os Samnitas (340 a.C.); o filho, em Sentinum, na guerra contra os gauleses da Úmbria (295 a.C.); o neto, em Ausculum, na guerra contra Pirro (279 a.C.); O nome de *Decius* passou a designar os que se sacrificavam aos interesses da pátria. (Cf. LACURSE DU XX^e SIÈCLE EN SIX VOLUMES).
23. Eram conhecidos como *despojos opimos* aqueles que o general conquistava com suas próprias mãos.
24. Conta-se que, lendo Virgílio este episódio para Augusto e Otávia, neste ponto, a mãe desmaiou e o próprio imperador derramava copioso pranto.